

Senhores professores,

Causou-nos espanto e preocupação o texto sobre o uso de agrotóxicos e a aviação agrícola, presente no livro de Geografia para o Ensino Fundamental (Livro 3) da Coleção SAE Digital 2022. Intitulado *O uso abusivo dos agrotóxicos e o mal que eles fazem à saúde humana*, o texto na verdade reforça uma retórica que justamente (e perigosamente) torna rasa a discussão sobre o uso de agrotóxicos, ao indicar que a aviação agrícola é um problema. Mais ainda ao sugerir que o aumento da frota aeroagrícola é causa de aumento nas contaminações por agrotóxicos (ou mesmo do incremento do uso desses produtos nas lavouras).

O material sublinha um discurso que aprofunda o problema que diz pretender resolver: o uso abusivo das substâncias químicas e seus danos às pessoas e ao meio ambiente. Tristemente, isso em nome de reforçar um estereótipo histórico em nossa sociedade e que ainda ressurge em diferentes cenários, por motivos que vão desde a falta de conhecimento até a defesa bandeira política.

Lembramos que os riscos da aplicação de agrotóxicos nas culturas são os mesmos tanto para aplicações terrestres quanto para aéreas (em ambos os casos, sua precisão depende de fatores como temperatura, velocidade do vento e umidade relativa do ar, além da regulação dos equipamentos, por exemplo). Porém, a aviação agrícola é a única ferramenta com regulamentação específica e ampla. Que determinam, por exemplo, o registro de todas as operações, com originais na base à disposição qualquer fiscalização e o envio mensal do resumo dos relatórios ao Ministério da Agricultura. Além disso, todos os envolvidos nas operações aéreas em campo serem técnicos – desde o piloto com formação especial, o técnico agrícola com especialização em operações aéreas e o agrônomo coordenador da missão.

A lei também exige dos operadores aeroagrícolas (e apenas deles) a existência de um pátio de descontaminação na base. É o local onde o avião precisa ser lavado ao final de cada operação e cuja água da lavagem vai para um sistema de tratamento de efluentes. Isso entre outras diversas obrigações

que atestam a segurança da ferramenta. E que também facilitam a sua fiscalização e, quando há falhas, sua punição.

Para completar, o crescimento da aviação agrícola no País está ligado justamente à sua eficiência no uso racional de agrotóxicos, e não à ampliação do uso de produtos químicos. Na prática, o uso de aviões diminui a necessidade de produtos. Isso porque, além da tecnologia embarcada permitir maior precisão, a rapidez das aeronaves permite que elas terminem a missão na melhor janela climática. Ou seja, antes que se alterem as condições de temperatura, vento e umidade ideais para a assertividade da missão.

O Sindicato Nacional das Empresas de Aviação Agrícola (Sindag) entende como legítima a preocupação quanto ao uso de insumos nas lavouras, sejam eles químicos ou biológicos (ambos denominados como “agrotóxicos”, aos olhos da Lei, sempre que usados para combater ou prevenir pragas e doenças nas plantações). Tanto que tem se esforçado para participar ao máximo dos debates sobre o tema. Inclusive promovendo visitas de estudantes, professores, lideranças comunitárias e autoridades em suas bases. Para mostrar como são as rotinas da atividade, sua tecnologia e, principalmente, sua transparência e segurança. Também para apresentar os programas de melhoria contínua e transparência promovidos pelas entidades do setor.

Para o que também estamos à disposição de vossas senhorias, principalmente para aprofundarmos esse debate.

Cordialmente,

THIAGO MAGALHÃES SILVA  
Presidente do Sindicato Nacional das  
Empresas de Aviação Agrícola – Sindag